

HISTÓRIA REAL DE UMA ÁRVORE CONDENADA À MORTE

O ÚLTIMO IMPERADOR

PEDRO FOYOS

O passado está sempre a ser necessário para explicar o presente
e o todo para explicar a parte.

Edward Burnett Tylor (1832-1917)



*Estampa de uma juvenil Árvore do Imperador (contando entre cinco a dez anos)
publicada em 1874 na "Illustration Horticole"*

No final do século XIX, com o advento da República no Brasil e o "banimento" de Pedro II, a Árvore do Imperador é igualmente "banida". Começa por desaparecer iniquamente dos jardins botânicos, parques e vias públicas do País até à quase extinção. Ingressa na "Red List" internacional.

A maldição prolongou-se por décadas. Mas no Jardim Botânico de Sydney, na Austrália, existia (e continua a existir) uma «Royal Tree» oferecida pelo imperador Pedro II. É uma das raras sobreviventes, com a particularidade também invulgar de frutificar todos os anos. E principia então, já no século XXI, uma história maravilhosa.

Reconhecendo-me desde sempre como um republicano dos quatro costados, assumo-o não só por convicção mas também porque tento honrar o legado político do ramo familiar paterno, precisamente um avô e um tio cujo republicanismo e ideologia progressista lhes custaram as mais ignominiosas punições, do cárcere ao desterro.

Nessa circunstância poderei ter-me exposto, no meu livro *Jardim República*, a críticas de tendenciosidade, pois os autores das atrocidades descritas naquela obra provinham indisfarçavelmente das fações extremistas do poder monárquico deposto. No entanto, o fanatismo, esse veneno que alastra indominável, que vai escurecendo a racionalidade até petrificar-se na cegueira opaca da barbárie, não é exclusivo de um regime político em particular.

Condoído evoquei pela primeira vez, em 2003, um cruento episódio protagonizado por não menos fanáticos republicanos brasileiros, 25 anos antes da sanha eclesial e monárquica em Portugal contra o "Dia da Árvore" (as frágeis árvores plantadas por milhares de crianças em todo o País logo eram dizimadas durante a noite).

Manter-nos-emos no reino vegetal. A instauração da República no Brasil foi funesta para uma linda árvore cujo nome científico atual (já teve vários) não é fácil de memorizar: *Chrysophyllum imperiale*. A esta árvore de grande porte, nativa da região da Mata Atlântica, chamavam os indígenas de língua tupi "Guapeba". Na época colonial, os portugueses alteraram-lhe o nome para "Marmeleiro-do-mato",

sugestionados pela aparência dos frutos com os marmelos lusos. Criatura belíssima, exhibe, entre outras, duas particularidades exuberantes: quando jovem, cada folha de um verde luzente agiganta-se, desmoderada, podendo exceder meio metro de comprimento; e na idade adulta as folhas novas apresentam magicamente um fascinante tom róseo, tão louvado pelos espectadores que a dona, acanhada, se apressa a adotar o ancestral cenário verde convencionado para a fronde vegetal.

Primitivo nome científico homenageava o botânico Martius e os dois imperadores brasileiros

Porventura terá sido essa beleza, a par dos frutos saborosos, que originou o enlevo do imperador Pedro I (Pedro IV em Portugal) pela árvore que ao tempo existia em abundância numa vastíssima região costeira baixa, do Rio de Janeiro ao sudeste de Minas Gerais. Pedro II, o erudito filho do primeiro imperador, personalidade admiravelmente sedenta de quanto respeitasse à Ciência, herdou desde criança a sedução por esta árvore e seria mais tarde o mecenas do célebre botânico austro-bávaro Carl von Martius que, por seu turno, elegera a formosa "Guapeba" como uma das espécies botânicas de sua predileção (a anterior designação científica — *Martiusella imperialis* — constitui uma homenagem a Martius e aos dois imperadores brasileiros).

Bem se entende o motivo por que no decurso da segunda metade do século XIX a outrora "Guapeba" passou a ser nomeada por Árvore do Imperador. Pedro II estatuiu-a "oferta imperial", enviando espécimes para vários jardins botânicos do mundo, entre os quais o de Sydney, na Austrália, onde continua a ser conhecida por «Royal Tree».

No final de 1889, com o advento da República no Brasil e o "banimento" de Pedro II, a Árvore do Imperador é igualmente "banida". Ao contrário do praticado com a realeza humana não se

concede o exílio à princesa da Mata Atlântica. Começa por desaparecer iniquamente dos jardins botânicos, parques e vias públicas do País. Ocorre, num processo mais lento, situação idêntica em toda a extensão das florestas, onde já começara a declinar devido à excelência da rijíssima madeira desta sapotácea para a construção naval. Mas alguém terá ordenado que a prioridade de abate deveria concentrar-se na Árvore do Imperador. Uma condenação à morte sem apelo nem agravo.

Foi assim que muitos navios nasceram pelo preço medonho de uma espécie vegetal caída em desgraça entre a espécie humana.

As instituições ecológicas internacionais atribuiriam ao *Chrysophyllum imperiale* um dos mais elevados níveis de "ameaça de extinção". Todavia, vai emergindo a esperança de que a presente alvorada a liberte proximamente e para sempre das *Red Lists* da nossa vergonha.

Árvore do Imperador que vive em Lisboa foi decerto oferecida por Pedro II ao Conde de Ficalho

Em 2004 foi criado um grupo de pessoas de vários países (Brasil, Austrália e Portugal) que lutam apaixonadamente pela salvação desta árvore indissociável da história do Brasil e também, de algum modo, de Portugal. Esse grupo — precisamente o "Grupo do Imperador", que honrosamente integro desde o primeiro dia — trata a árvore pelo nobilíssimo e justo nome de Imperador. O objetivo é reintroduzir o Imperador na sua pátria de origem, a Mata Atlântica.

Fora do Brasil estavam nessa época referenciados apenas sete exemplares. Excetuando a Argentina, com três espécimes em Buenos Aires, havia um "último Imperador" em quatro países: Portugal (Lisboa), Austrália (Sydney), Bélgica (Bruxelas) e Itália (Florença).

O Imperador português encontra-se no Jardim Botânico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência / Universidade de Lisboa.

Defendo há muitos anos que foi oferecido pelo imperador Pedro II ao seu grande amigo Conde de Ficalho, figura relevante da cultura portuguesa do século XIX e principal impulsionador da criação do Jardim. Terá viajado do Rio de Janeiro para Lisboa numa das célebres "caixas de Ward", dispositivos imprescindíveis para o envio transatlântico de plantas. Esses engenhosos recipientes envidraçados, projetados em 1827 por Nathaniel Bagshaw Ward, possibilitavam o acondicionamento em perfeitas condições de todo o género de plantas, mesmo tendo elas uma estatura apreciável. O arquiteto brasileiro Guilherme Mazza Dourado pormenoriza na obra *Belle Époque dos Jardins* que tais habitáculos eram depositados nos convés, dispondo de «painéis móveis, abertos para ventilação e regas».

Após a grande jornada marítima e chegada ao cais de Lisboa, o nosso Imperador subiu ao Jardim da Sétima Colina, onde decerto era aguardado pelo Conde de Ficalho, Andrade Corvo e outros notáveis do tempo. Não há qualquer registo do acontecimento mas, admitindo-o como verdadeiro, poderíamos situá-lo entre 1876 e 1878, período em que a colina povoada de hortas e pomares foi transfigurando-se no diversificado e imensamente peculiar Arboreto que conhecemos.

Ousando divagar um pouco mais, arriscarei o nome de quem plantou ou superintendeu a plantação da árvore oferecida pelo imperador Pedro II: o francês Jules Alexandre Daveau, jardineiro-chefe do então chamado Jardim Botânico da Escola Polytechnica.

Fundados em tais pressupostos, será fácil, a qualquer momento, avaliar quantos anos terá este Imperador com dupla nacionalidade (brasileira e portuguesa): a sua idade soma aproximadamente a do próprio Jardim Botânico. Tanto me familiarizei com esta fidalga criatura vegetal que o citado «republicano dos quatro costados» lhe conferiu gratamente um especial protagonismo no romance *Botânica das Lágrimas*. Surpreende que, ao fim de tanto tempo, mantenha a

pronúncia brasileira. Um dia, desculpou-se-me: «Nosso jeito de falar fica colado na semente, né?».

Filhos de mãe nascida no Brasil mas residente na Austrália fazem viagem inversa ao fim de um século e meio

Nesta odisseia intercontinental, um magno acontecimento ocorre em agosto de 2008: descobre-se no Brasil um Imperador que sobreviveu ao extermínio. Aparentava idade centenária, seria muito jovem à data da instauração da República no Brasil e encontrava-se solitário mas saudável na floresta submontana vizinha da Baía de Guanabara. Seria também o último Imperador da Mata Atlântica.

Infortunadamente, de todos estes espécimes apenas um frutifica com perfeita regularidade: o de Sydney, a mencionada «Royal Tree». Pratica-se, então, um rito sublime. Os frutos são recolhidos com o maior cuidado e as sementes enviadas por avião para o Brasil, mais exatamente para Eugenio Arantes de Melo, um dos membros do "Grupo do Imperador".

A germinação destas sementes não se mostra fácil, o índice de êxito é inferior ao normal. Mas Eugenio já possui nos terrenos adjacentes à sua casa em Ipatinga, Minas Gerais, alguns pequenos Imperadores. Filhos de mãe nascida no Brasil mas residente na Austrália, para onde viajou em 1864. Ali foi plantada com todas as honras por um amigo do imperador Pedro II, Sua Alteza Real o Príncipe Alfred, filho de Vitória, Rainha do Reino Unido e futura imperatriz da Índia.

Esta árvore dava um filme.

ADENDA EM DEZEMBRO DE 2013

Dava e deu, quase, no final de 2013. Mais de quarenta milhões de brasileiros tiveram oportunidade de assistir, através do canal de televisão Futura, a um programa dedicado à fabulosa Árvore do Imperador. Coube a Regina Casé, uma das mais populares atrizes brasileiras, a apresentação do excelente documentário realizado por Estêvão Ciavatta e produzido pela Pindorama Filmes. Especialmente emocionante o final do programa, com Regina Casé e um membro do "Grupo do Imperador" (Marco Lacerda) plantando uma muito jovem Árvore do Imperador no jardim do antigo Palácio do Imperador...



VER TAMBÉM NA INTERNET:

www.arvores.brasil.nom.br/Chrysophyllum/index.htm